



PEDAGOGIA HOSPITALAR: A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO PARA ALÉM DA SALA DE AULA

Janaína Karla de Oliveira Souza
Universidade Federal de Pernambuco
karlaoliver27@gmail.com

Thamyris Mariana Camarote Mandú
Universidade Federal de Pernambuco
thamymariana@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Partindo do princípio do direito de todos à educação, bem como do fato de que a área de atuação do pedagogo hoje é bastante abrangente, surgiu a preocupação por conhecer melhor as áreas possíveis de atuação deste profissional, principalmente o ambiente hospitalar, que vem se consolidando como um espaço de atuação de grande importância do pedagogo.

Segundo Libâneo (2007) a ação pedagógica permeia toda a sociedade indo além do âmbito formal, não formal e informal de educação. O autor enfatiza, que a ação pedagógica não se limita à *educação formal* que é realizada na escola e que tem como educador o professor, que trabalha de forma sistematizada seguindo leis pré-estabelecidas.

A pedagogia hospitalar enquadra-se no conceito de educação não formal, que, para Libâneo (2007), é a prática educativa que acontece fora da escola, porém, dentro de uma sistematização e estruturação. Concordamos com Libâneo (2007), quando ele afirma que o estudo do fenômeno educativo é algo amplo, e que o trabalho pedagógico perpassa a docência.

Para Matos e Mugiatti (2011) a ação pedagógica no hospital trata-se de uma alternativa para que as crianças/adolescentes em situação de hospitalização tenham a mesma oportunidade de se desenvolverem cognitivamente como os que se encontram frequentando a escola regularmente. O ambiente hospitalar pode oferecer diversas possibilidades, como afirma Fontes (2005, p. 121) “é preciso deixar claro que tanto a educação não é elemento exclusivo da escola quanto à saúde não é elemento exclusivo do hospital”.



Diante dessa problemática, este estudo teve como objetivo identificar quais estratégias e práticas pedagógicas o pedagogo hospitalar utiliza para tornar o hospital um espaço significativo de aprendizagem.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na presente pesquisa optou pelo enfoque qualitativo, pois este possibilita ao pesquisador observar os aspectos indissociáveis entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, sem que esta seja mensurada através de números (MINAYO, 2007).

Escolhemos como instrumento a entrevista semiestruturada por ser ampla e não seguir um modelo rígido e fechado, que nos possibilitou o acréscimo e complemento de questões que se consideraram adequadas para um melhor entendimento acerca de nosso objeto de pesquisa. A entrevista, segundo Lakatos e Marconi (2007), trata-se de é uma conversa formal na qual o eixo central é o tema da pesquisa.

Os dados coletados nas entrevistas foram analisados a partir da técnica de análise de conteúdo, que segundo Bardin (2009), empenha-se em conhecer o que está por trás das palavras numa tentativa de avaliar de forma sistemática signos, símbolos ou palavras que se consideram importantes para compreender o que está posto.

Ao buscarmos esse profissional atuando em ambientes hospitalares, optamos por uma instituição que alberga crianças e adolescentes que estão passando por tratamento de câncer e que por este motivo encontram-se afastados da escola. Participaram da pesquisa duas pedagogas que atuam na instituição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De posse dos dados coletados compreendemos que a prática pedagógica no ambiente hospitalar é hoje uma atividade que ainda vem ganhando espaço lentamente em nossa sociedade, porém como afirma Rodrigues (2012, p. 43) a mesma “é uma inovação comunicativa no âmbito hospitalar, quebrando barreiras do ensino e atendendo às novas exigências da educação”, dessa forma, a prática pedagógica dentro desse ambiente permite que a criança/adolescente não perca seu vínculo com a escola. Como afirmam Matos e Mugiatti (2011), a pedagogia



hospitalar é muito mais que um processo meramente formal de educação, ela transpõe barreiras de uma realidade multi/inter/transdisciplinar.

Para Matos e Mugiatti (2011), a ação realizada pela pedagogia hospitalar não se resume à mera instrução, ela vai além, pois mantém o indivíduo hospitalizado integrado com seu cotidiano, tanto familiar quanto hospitalar, dando apoio pedagógico possível à sua atual condição.

Constatou-se, mediante as entrevistas, que a prática pedagógica presente na instituição trata-se de hospitalização escolarizada, que para Matos e Mugiatti (2011) consiste em trabalhar com a criança/adolescente hospitalizado de forma personalizada, pois, conforme relataram as pedagogas, quando estes começam a frequentar a classe hospitalar é feito um trabalho envolvendo sua escola de origem, para que possam continuar a estudar os conteúdos propostos pela mesma e dessa forma não se evadam da escola. Essa prática ocorre de forma mais individualizada, pois é dada prioridade às necessidades específicas do aluno, que mesmo no hospital continua vivenciando a realidade de sua escola.

Mesmo havendo essa prática de hospitalização escolarizada, não quer dizer que a mesma seja engessada, foi relatado que há também uma prática mais flexível, onde o trabalho é realizado tanto com as crianças/adolescentes hospitalizadas quanto com os pais ou acompanhantes. Como ressalta Rodrigues (2012), é uma prática que proporciona uma recuperação menos dolorosa através de atividades pedagógicas, lúdicas e recreativas de forma orientada.

As pedagogas informaram, ainda, que o trabalho pedagógico realizado é feito a partir de um planejamento que busca dar conta da demanda e das necessidades de cada paciente albergado na instituição. Ainda segundo Rodrigues (2012), não é porque a prática educativa no ambiente hospitalar se trata de educação não formal que é menos importante, pelo contrário, ela é tão importante quanto a oferecida pelos espaços formais de educação.

Conhecer mais de perto essa prática corroborou nosso conceito quanto à importância de uma prática pedagógica em ambiente hospitalar, compreendendo de forma concreta que a ação pedagógica promove muito mais do que apenas a



aprendizagem, pois ela também é capaz de proporcionar o bem-estar da criança/adolescente que se encontra em tratamento e afastada do convívio com sua família. Entendendo também que devido à situação de internamento e tratamento estes sujeitos estarão oscilando entre momentos de ânimo e aceitação das atividades e momentos de desânimo, estresse, tristeza, entre outros que o levaram ao desinteresse de aprender, cabendo ao pedagogo criar mecanismos para que estes não se afastem da sala de aula.

Além disso, este momento vivido pelo indivíduo em atividades pedagógicas proporciona também um vínculo entre ele e a escola, tornando o seu futuro retorno à mesma algo menos doloroso e mais fácil, pois ele não perdeu por completo o seu contato com esse espaço nem com a rotina vivenciada pela mesma.

Uma das dificuldades observadas nos relatos das pedagogas entrevistadas é sobre a falta de formação adequada, pois mesmo tratando-se de uma área bastante abrangente, a formação inicial no curso de Pedagogia é ainda muito voltada para a docência dentro da escola. Rodrigues (2012) aponta para essa precariedade na formação e ressalta a dificuldade de formar profissionais para a educação formal, e muito mais para a educação em espaço não formal. Cabe, portanto, ao pedagogo, buscar meios de se apropriar dos conhecimentos necessários e ter uma prática pedagógica que atenda às necessidades do ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos em nosso estudo conhecer mais de perto a prática de pedagogas que atuam em ambiente hospitalar, tentando identificar quais as estratégias utilizadas pelas mesmas para ressignificar esse ambiente e torná-lo um espaço possível e significativo de aprendizagem. Sempre soubemos que a prática nesse ambiente é importante e traz resultados positivos sejam cognitivamente ou psicologicamente para crianças que se encontram hospitalizadas, contudo, havia a necessidade de analisarmos de fato essa prática, para entender que estratégias são utilizadas para transformar um ambiente voltado para a promoção da saúde em um local legítimo de aprendizagem.



Chegamos à conclusão de que a experiência vivida em relação à atuação do pedagogo no ambiente hospitalar é uma ação positiva, pois torna o ambiente um espaço possível de aprendizagem, levando em conta que os indivíduos que ali se encontram são seres únicos que possuem particularidades e tempos de aprendizagem individuais e que ao respeitar essas particularidades barreiras são quebradas, pois promovem tanto o desenvolvimento cognitivo como ajudam na recuperação dos mesmos.

Esperamos que o presente trabalho seja a ponta de um fio que levará a discussões mais aprofundadas sobre a importância do pedagogo para atuar em ambiente hospitalar. É claro que para tanto, urge-se a necessidade de uma formação adequada, que proporcione elementos teóricos e práticos próprios deste espaço, para que este profissional tenha subsídios para atuar enquanto pedagogo hospitalar. Não é de hoje que a formação está defasada, historicamente a mesma é permeada pela prática docente em espaços formais de educação, mas na sociedade atual é gritante e urgente que essa formação passe por uma reformulação trazendo uma nova conjectura para a atuação do pedagogo para espaços além da sala de aula.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição Revista e Atualizada. Lisboa: Edições 70, 2009.

FONTES, R. S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**, v. 29, n. 2, p. 119-139, 2005.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 9^o ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MATOS, E. L. M.; MUGIATTI, M. T. F. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 5. ed. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MINAYO, M. C. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.

RODRIGUES, J. M. C. **Classes Hospitalares: o espaço pedagógico nas unidades de saúde**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.
